

# O QUE É UM OFICIAL DE MARINHA

GUIDO JOSÉ WINTERS

Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN – RRm)

---

## SUMÁRIO

Introdução

Esboço da questão

A questão fundamental

A mudança dos padrões de pensamento

*Primeiro período: o Idealismo*

*Passagem para o segundo período: o Empirismo*

*A entrada no padrão de pensamento atual*

Considerações

O valor da corporação

A opção do oficial

Considerações finais

## UM ESCLARECIMENTO DA REDAÇÃO

O autor, para expor suas idéias, usou o texto na forma de fala ao Corpo de Aspirantes da Escola Naval no início de um ano letivo.

## INTRODUÇÃO

No momento em que se reinicia em Villegagnon mais um período acadêmico, é importante que a palavra do Comandante se faça ouvir por toda a tripulação da ilha, em especial pelos aspirantes, razão de ser

desta escola. Esta palavra é também particularmente dirigida aos oficiais e professores, reafirmando-os como representantes do comando, portadores, portanto, dessa mensagem, nas suas diversas instâncias funcionais.

Quem tenha os ouvidos abertos, ou um olhar perspicaz, ou mesmo os sentidos ainda não embotados, há de ter percebido o turbilhão em que se encontra o mundo de hoje. Parece que o Universo está em efervescência, em permanente mudança de estado, com o que tudo se altera, até mesmo os valores mais fundamentais.

Os valores que na nossa infância – refiro-me à década de 40 – pareciam tão estáveis e seguros, que permitiam ao espírito do jovem aventureiro navegar mar adentro, pois sabia ter pontos de referência inabaláveis, e a certeza de retorno a porto seguro. Entretanto, hoje, esses valores, essas marcas de orientação, se é que não se perderam destruídos pelo impacto das intempéries, das mudanças, estão de tal forma encobertos pela névoa da poluição das novidades, que já não servem como base a partir da qual se possa traçar uma derrota, planejar outro curso, que possa atravessar a barreira do novo milênio.

A fúria dos elementos mostra-se hoje mais forte, destruindo não só o porto seguro, mas a própria nau, com o que o jovem aventureiro passa, na verdade, de nauta a naufrago. Agarrado aos destroços da embarcação que vê soçobrar, tenta apenas sobreviver, vagueando à mercê das ondas.

Esse quadro, de aparência excessivamente trágica, serve apenas para marcar o caráter decisivo desse momento em que vivemos e se configura alocução do comandante, primeiro termo de uma série que irá se desdobrar nas palavras dos oficiais e professores. Esse termo inaugural, essa palavra de ordem é o único ponto de orientação a que os navegadores de Villegagnon

podem se referir. E a palavra que ora profiro se constitui, em essência, uma reafirmação daqueles valores que se tornaram invisíveis; trata-se, fundamentalmente, de uma proclamação e de uma conclamação a todos, visando dissipar a névoa das incertezas, visando definir a orientação a ser assumida na formação do oficial de Marinha.

## ESBOÇO DA QUESTÃO

O que é ser oficial de Marinha? Será que ainda é possível delinear o seu perfil numa época tão conturbada pela rapidez das mudanças?

Nós afirmamos que sim, e essa é a razão de aqui se fazer presente a palavra do Comandante, proclamando a crença na Marinha, reafirmando o valor do oficial de Marinha.

Entretanto, se aqui, na histórica Ilha de Villegagnon, além da marinharia de longa tradição, procura-se desenvolver e manter atualizado o pensamento acadêmico, lastreado numa racionalidade científica, não poderíamos nos contentar com uma afirmação simplista, ainda que carregada de idealismo.

A proposta desse texto é que se possa, a partir dessa afirmação, pensar no oficial de Marinha, submetendo o seu conceito à prova de fogo da crítica científica, da dúvida metodológica inaugurada por Descartes.

Para tal, mais adiante esboçaremos um quadro que sintetiza as grandes mudanças por que passou o pensamento do homem até chegar ao momento atual. Esperamos que tal esboço venha a servir como quadro de referência, delimitando o âmbito do tema em reflexão, e possa, assim, contribuir para o aprofundamento do debate da questão: Qual deve ser a rota da Escola Naval para atingir seu objetivo? Isto é, em que direção ela deve navegar para alcançar a melhor formação do oficial de Marinha?

Será que nesse momento, nos prenúncios de um novo milênio, bastaria reafirmar os valores seculares, simplesmente evocando a tradição como critério último de valoração do oficial de Marinha? Ou, ao contrário, apresentar-se hoje como modelo o oficial de apenas algumas décadas passadas não daria a impressão de que a Marinha está oferecendo algo oriundo de um museu? E a mensagem dos mestres, através do que o aspirante poderia vislumbrar o oficial de Marinha do amanhã, e aí se antever, não soaria como o balbucio de uma múmia que recusa acomodar-se no seu sarcófago?

Essa criatura, talvez excessivamente trágica, visa apenas a realçar o caráter dramático do momento histórico em que se insere a educação atual, da qual faz parte a formação do oficial de Marinha.

Não tão forte como a imagem anterior, mas também eficaz em poder representar o problema que vive a educação, é a história do palhaço narrada por Kierkegaard.

O filósofo conta que um circo ambulante se instalara numa campina, nas cercanias de uma aldeia. Mas subitamente constata-se um incêndio num dos camarins, que ameaça propagar-se para as demais instalações. O diretor do circo, antevendo a extensão catastrófica que o problema poderia assumir, resolve alertar os habitantes da vila e pedir ajuda. Então, ele chama o palhaço, que já estava caracterizado e pronto para o início do espetáculo, e o manda às pressas ao povoado para pedir socorro e chamar os aldeões a vir rapidamente ao local ajudar a debelar o incêndio, pois que as chamas já começavam a devorar a vegetação seca da campina, e o vento faria o fogo se alastrar até a cidade.

O palhaço tenta cumprir a missão que recebeu e conclama o povo a vir até o circo. Porém, as pessoas que o ouvem e observam tomam as suas palavras por um truque de

publicidade: riem muito, mas não as levam a sério. Quanto mais o palhaço insiste em dizer que se trata realmente de uma situação crítica, e que o fogo logo poderia atingir a cidade, mais ele é visto como um comediante; quanto mais alto e dramático é o tom de seu discurso, mais os espectadores se convencem de que estão diante de uma interessante representação, prelúdio do espetáculo circense, para o que, na verdade, estariam sendo conduzidos. Quando finalmente se dão conta da realidade, já era tarde demais, pois o fogo tomara conta de tudo.

Certamente há algo de verdadeiro nessa metáfora. Todos aqueles que já tentaram dirigir uma mensagem aos jovens de hoje, alguma vez hão de ter experimentado a estranha sensação de terem uma bola vermelha no nariz e estarem usando vestes de circo, ou pior ainda, de se sentirem mumificados e envoltos em bandagem. A mensagem passada à nova geração de aspirantes talvez possa ser comparada à fala de um bufão, alardeando um perigo irreal, que chega até a prender a atenção pelo que tem de cômico, mas, justamente por isso, jamais pode ser levada a sério.

Talvez o conto de Kierkegaard, por si só, já produz seus efeitos, levando-nos a perceber o alcance dessa síntese, dispensando qualquer comentário.

Entretanto, cabe destacar que essa história mostra o problema da visão estereotipada: de nada adiantaria mudar a mensagem porque o portador da novidade já vem, *a priori*, rotulado, em geral, com uma conotação pejorativa.

Dessa forma, devido à rigidez do modo de pensar do ouvinte, escapa-lhe a dimensão nova que pode ter essa conclamação, que é logo reduzida ao plano do já conhecido, ao ser traduzida para as categorias habituais do ouvinte.

Como então formular um discurso que possa ser tomado como verdadeiro?

## A QUESTÃO FUNDAMENTAL

Até aqui não se chegou ao âmago da questão. Pelo contrário, assim como a maquiagem encobre o verdadeiro rosto do ator, essa colocação simples e humorística encobre a verdadeira dimensão do problema. Se o oficial, ou o professor, pode se ver representado por esse cômico, a ele, então, bastaria lavar o rosto, tirar a maquiagem e trocar de roupas para que sua representação fosse levada a sério. Isto é, quem quisesse transmitir sua mensagem teria apenas que abandonar a linguagem antiquada, marcada por categoria de pensamento próprias do passado, e assumir a maneira mais moderna de falar.

Entretanto, a crise na educação não é apenas um problema de revestimento, tal que bastaria bater a ferrugem da corrosão do tempo e aplicar nova pintura, para que todos se sentissem novamente tranquilos, com a certeza de terem cumprido sua missão.

Quem não se contenta em simplesmente passar um conhecimento ao aluno, quem entende ser maior a responsabilidade do oficial, do professor, esse haverá de reconhecer que a crise educacional é mais profunda do que sugere a metáfora do palhaço.

Não se trata apenas de como dizer, mas sim da própria impossibilidade de se formular a mensagem. Seria simplista colocar hoje o mestre no lugar daquele que já sabe, ficando os alunos como ocupantes exclusivos do espaço da ignorância, da dúvida,

das incertezas, do ceticismo. A crise de valores não aflige somente a nova geração, mas também a nossa, que se vê impossibilitada de educar os jovens para o futuro, pois também compartilha da descrença dos valores tradicionais, sem conseguir antever novos valores onde pudessem se ancorar.

Não é só o aluno que se sente perplexo, inseguro, atônito com as mudanças, que sequer pode perceber; também o professor, sempre tão seguro em seu discurso de mestre, reavaliando seu trabalho com coragem intelectual, há de reconhecer em si, na sua própria carne, os efeitos da corro-

---

**A crise de valores não  
aflige somente a nova  
geração, mas também a  
nossa, que se vê  
impossibilitada de educar  
os jovens para o futuro,  
pois também compartilha  
da descrença dos valores  
tradicionais, sem conseguir  
antever novos valores onde  
pudesse se ancorar**

---

são do tempo, que deixa o seu próprio discurso entrecortado de dúvidas. O professor se dá conta que sua missão é da ordem do impossível.

É contra esse pano de fundo que se situam as reformas curriculares, as atualizações bibliográficas, a modernização dos métodos de ensino, o controle da qualidade e, até mesmo, a constante solicitação de

um maior empenho pessoal por parte dos profissionais de ensino, buscando-se assim a reengenharia de um produto que possa ser melhor aceito pelo mercado escolar. Diante desse quadro mais amplo, por mais importante que seja imprimir uma visão profissionalista ao ensino e aplicar novos métodos de trabalho, tais remédios não passam de paliativos, condenados por antecipação a um esforço pouco eficaz quanto ao objetivo maior da educação.

Aquilo de que verdadeiramente se trata, o que subjaz a essas reformas, o desejo de preparar melhor o oficial para a Marinha do próximo século, delinear o seu perfil, é tarefa intrinsecamente impossível, pois qualquer antevisão do século XXI e suas conseqüências para a Marinha não passam de prognóstico hipotético.

## AS MUDANÇAS DOS PADRÕES DE PENSAMENTO

No início falávamos da dificuldade de se compreender uma nova mensagem em decorrência da rigidez do nosso modo de pensar. A dificuldade é ainda maior quando há diversos padrões de pensamento, mutuamente excludentes. Tal diversidade de padrões de pensamento não surge ao acaso. O estudo da gênese dessa pluralidade mostra uma lógica subjacente ao processo. Tentaremos traçar um breve retrospecto histórico desse desdobramento, aqui simplificado em três etapas em vista à sua função didática.

Podemos reduzir, a grosso modo, a evolução do pensamento em três períodos separados por dois pontos de inflexão de sua curva evolutiva. Esses pontos de separação, entretanto, são apenas marcas históricas, pontos de corte em que se convencionou localizar os limites, já que esses períodos se superpõem, encontrando-se, aqui e acolá, como na geografia, características que seriam próprias do outro lado da fronteira.

As mudanças ora ocorrem preservando a continuidade da evolução, ora se dão por saltos, marcando contradições. Assim, hoje podemos nos defrontar com colocações, argumentos e questões típicas de cada um dos três períodos distintos, porém, coabitando o mesmo espaço cultural.

Ainda assim, distinguir esses períodos é didaticamente interessante porque per-

mite localizar cada argumento na sua época adequada, procurando compreendê-lo pela ótica característica daquele modelo de pensamento, sem tentar colocar como contra-argumento idéias que pressupõem categorias de pensamento próprias de outro período, evitando-se o debate infrutífero e sem possibilidade de ser conclusivo.

A concepção de educação, onde se insere a questão da formação do oficial de Marinha, vai refletir o padrão do modo de pensar de uma época. Esse padrão se impõe sutilmente na forma de se ver a realidade, que é, então, distorcida pela ótica do observador, sem que este tenha a consciência de que há um padrão que molda a sua observação, determinando sua maneira de pensar e de apreender a realidade.

Se esse padrão de pensamento se constituir em um quadro rígido, a análise do observador será completamente tendenciosa. Então, o discernimento dessas etapas históricas não é uma curiosidade filosófica que só interessaria aos especialistas, mas é condição para que se possa debater mais livremente a questão da formação do oficial de Marinha.

O que vai distinguir cada um desses períodos, o que vai separar cada um desses modos de pensar é a questão da verdade. Veremos sucintamente três formas de se posicionar diante do real, com as suas implicações sobre a educação.

Tentaremos mostrar que a evolução da formação da Escola Naval é decorrência lógica de como se conceitua a verdade, é conseqüência das três maneiras de se responder à questão "o que é a verdade?".

### *Primeiro período: o Idealismo*

Esse momento é marcado pelo ente, pela categoria do ser. O real é um ente; não está nas coisas concretas, que são relegadas a segundo plano, mas sim no sentido, no ser

dessas coisas. Dentro do idealismo, tudo o que existe, inclusive o homem, é consequência de uma idéia, de um pensamento, que, ao pensar, cria. Essa posição diante do real, diante da questão "o que é a verdade?", é sintetizada na expressão clássica: "*verum est ens*".

Assim, se o homem se dispõe a pensar sobre a verdade, o sentido, o real, terá que pensar sobre a sua causa. Mas se a causa das coisas é também um pensamento, segundo o idealismo, coloca-se ao homem a tarefa filosófica de pensar sobre o pensamento, ou pensar depois.

Essa posição frente à realidade, essa definição do que é a verdade, aqui expressa de forma concisa pela equação "*verum est ens*", vai marcar profundamente a cultura, definindo as coordenadas e os limites do espaço educacional, no qual também se inclui a Escola Naval.

Consoante esse modo de pensar, a questão da formação vai se formular através da pergunta: "Qual é o ser do oficial de Marinha?".

Se a verdade é um ente, uma abstração, então, segundo esse modo de pensar, a verdade do oficial de Marinha não pode ser procurada através das coisas concretas, que são apenas produtos da "técnica", aqui vista com conotação pejorativa, já que a técnica não passa de um fazer, que não tem foro de ciência.

Dentro dessa perspectiva, compreende o que fundamenta a intensa formação teórica da Escola Naval. Esse tipo de formação é consequência do pressuposto de que a verdade é o ente, e que somente a nível de abstração se poderá caracterizar o oficial de Marinha.

Esse é o ponto de referência dos defensores de uma formação mais teórica, mais básica para o aspirante, em contraposição àqueles que defendem uma formação mais prática, mais comprometida com a vida de bordo.

A título de exemplo, destacamos a ênfase dada aqui ao pensamento lógico, em especial à matemática, que é a abstração por excelência, já que esta é constituída de entes puramente formais. Mesmo as disciplinas aplicadas, já ligadas às habilitações, caracterizam-se por preservar o referencial matemático, abstrato, que subjaz como essência dessas matérias aplicadas, enquanto as atividades de laboratório são consideradas complementares.

Para a lógica, e também para a matemática, as letras postas em jogo pelo raciocínio são letras puras, que não reenviam nada além das mesmas, porque valem por elas mesmas. Assim também o estudo teórico é constituído por representações que, como entes, têm valor próprio, independentemente das possíveis aplicações. O critério de veracidade das teorias não depende da adequação dessas representações à realidade, as quais se sustentam por elas mesmas. A matemática não é uma ferramenta para a mecânica ou para a eletricidade; a mecânica é matemática, a eletricidade é matemática, pois só enquanto formalismo matemático elas podem conter a verdade, que deve ser um ente abstrato.

Essa análise, que dá à valoração da matemática uma fundamentação filosófica, não é casual. Não é por acaso que a matemática e a filosofia são oriundas de um mesmo lugar, a antiga Grécia. Então, a formação do aspirante contém uma vertente que é ao mesmo tempo pitagórica e platônica.

Ficam em aberto as questões: se pensar é buscar a causa, e a causa é também um pensamento, ao se pensar, então, toca-se em algo do real? ou o pensamento toca apenas o próprio ato de pensar, apenas o real do próprio pensamento? Longe de ser uma especulação filosófica totalmente supérflua, consideramos necessário que o aspirante se dê conta que a sua atitude diante da atividade intelectual que exerce, a

forma como a encara, já é uma resposta a essas questões. Trata-se apenas de tomar consciência do lugar onde ele localiza a verdade.

### *Passagem ao segundo período: o empirismo*

Pensar a verdade das coisas implica pensar a sua causa. Então, de nada adianta o homem querer pensar o Universo, pois não poderia atingir a sua causa. Só se pode pensar verdadeiramente sobre algo a cuja causa se pode chegar, como é o caso daquilo que é causado pelo próprio homem, ou seja, os seus feitos, os fatos, o *factum*.

Então, o âmbito do pensamento deve se restringir ao *factum*, ao fato. Trata-se de uma nova posição frente à realidade, cuja verdade já não é expressa pelo ente, pelo ser das coisas, mas pelo próprio mundo dos fatos. A antiga relação "*verum est ens*" é substituída pela nova equação: "*verum quia factum*".

Aqui começa o empirismo, em contraposição ao idealismo do período anterior. A história assume um lugar hegemônico entre as ciências, já que ela se constitui no registro e análise dos fatos, daquilo que foi feito pelo homem, e a cuja causa se pode

chegar. A história passa a ser portadora da verdade. A partir daí, todo pensamento racional, verdadeiro, deve fazer referência à sua gênese, isto é, aos outros fatos que o causaram; todo trabalho científico deve conter um retrospecto histórico.

É desnecessário destacar a importância

---

---

**A história passa a ser portadora da verdade. A partir daí, todo pensamento racional, verdadeiro, deve fazer referência à sua gênese, isto é, aos outros fatos que o causaram; todo trabalho científico deve conter um retrospecto histórico. A história não só analisa a causa das guerras, e a conjuntura dos fatos que a desencadeou mas, sobretudo, o conjunto das decisões estratégicas, das manobras táticas, que levaram os comandantes à vitória, e suas nações, ao estabelecimento do Poder Marítimo**

---

---

que adquiriu na Marinha a história naval. Essa disciplina não é vista apenas como um relato fatural, mas ela conota a promessa implícita de que somente através dela se pode chegar à verdade, porque a história não só analisa a causa das guerras, e a conjuntura dos fatos que a desencadeou mas, sobretudo, o conjunto das decisões estratégicas, das manobras táticas, que levaram os comandantes à vitória, e suas nações, ao estabelecimento do Poder Marítimo.

O estudo dessas operações é importante porque elas são feitas do homem, e a história estuda os fatos porque a verdade está nos fatos, ou seja, porque *verum*

*quia factum*.

O empirismo vai marcar todas as ciências naturais, dizendo o que é científico. A ciência, a partir de agora, deve se restringir aos fatos, aos fenômenos, e não fazer especulações sobre o ser, o ente. Não interessa mais o que é o oficial de Marinha,

pois o ser é relegado a plano secundário; a verdade do oficial de Marinha deve ser procurada nos fatos.

**O lugar antes reservado à matemática é agora ocupado pela história.** Nesse deslocamento, a história carrega com ela várias outras ciências factuais. O caráter histórico está presente em tudo o que é científico, do que é prova mais cabal a teoria evolucionista de Darwin, onde a diversidade dos seres vivos é consequência histórica da vida no planeta e, em especial, o próprio ser humano, é mero reflexo da evolução biológica.

As ciências sociais, em geral, vão procurar revestir-se de um caráter científico, realçando a dimensão histórica dos seus objetos e métodos de estudo. A economia, por exemplo, passa a ser história da economia, procurando fundamentar a sua verdade atual a partir da valoração dos fatos passados. Ou a psicologia, que passa a ser científica na medida em que seu estudo percorre, ao longo do tempo, os diversos movimentos que se sistematizaram e chegaram a formar escolas.

A ligação do formalismo abstrato do momento anterior com a crescente valorização do fato, isto é, da dimensão factual da realidade, marca definitivamente a metodologia científica que impõe à ciência restringir-se aos fenômenos, e deles deduzir leis explicativas que possam ser expressas pelo formalismo matemático.

Mas o que marca mesmo esse modo de pensar é o sentido prático, a valorização da técnica, antes relegada a plano secundário. O pressuposto subjacente é que existe uma verdade na técnica já que aí se trata de algo feito pelo homem. Técnica aqui não é ainda entendido no sentido moderno do termo, mas sim como manufatura, como artefato, como arte de fazer.

Se a verdade está no fato, a Marinha vai procurar a sua verdade no "fato naval". O

oficial deixa de ser uma abstração, um ser idealizado, e passa a ser alguém que lida com os fatos, isto é, alguém que se restringe àquilo que é feito na Marinha.

A vida de bordo é o referencial privilegiado, laboratório onde se pode estudar a riqueza da diversidade dos fatos marinheiros. Contudo, o resultado da pesquisa de bordo revela um fato naval complexo. A diversidade de componentes transcende em muito as dimensões da visão interior, onde bastava ao oficial ser um conhecedor de termodinâmica e eletricidade. O fato marinheiro se mostra, principalmente, como tendo uma dimensão humana, para cuja compreensão contribuem as disciplinas sociais, em especial as que convergem para a liderança.

A preocupação com o fato põe em evidência outras coordenadas como a social, a psicológica, a pedagógica, além das técnicas e operativas. Tal descoberta, entretanto, não significa voltar a estudar essas teorias, tampouco abandoná-las, mas sim enfocá-las todas pelo ângulo factual.

De que forma a visão desse segundo momento vai direcionar a formação do oficial de Marinha?

A influência da história na Escola Naval é bastante clara.

Essa nova ênfase pode ser verificada, de maneira geral, nas disciplinas do Centro de Ciência Sociais, cuja organização vem refletindo a cambaleante oscilação entre as dimensões factual e formal dessas ciências.

### ***A entrada no padrão de pensamento atual***

O período anterior colocara o *factum* como critério de verdade; porém, logo percebe-se que não existe o fato puro, que vem sempre carregado de interpretações, que chegam a se sobrepor em importância ao próprio fato. A clareza do fato poderia, tal-

vez, ser encontrada na simplicidade do mundo antigo, mas não na complexidade dos fenômenos com que hoje nos deparamos.

As ciências da natureza, se por um lado reforçaram a importância do fato, por outro lado, o método científico impõe a verificabilidade e, conseqüentemente, a repetibilidade do fato para que ele possa ser critério de verdade. Com isso a história perde o seu lugar, já que os fatos passados são irrepetíveis.

Enquanto o segundo momento era da ciência, o terceiro momento é marcado pela prevalência da técnica. A ciência ainda está presente como valor, porém, não é mais ela que vai dizer o que é verdade. A verdade do homem é aquilo que ele é capaz de fazer, aquilo que pode vir a ser feito através da técnica. Portanto, agora, a verdade é algo que retorna do futuro.

As cadeiras profissionais-navais, em especial, marcam a presença desse terceiro momento na Escola Naval. Um sistema de armas, por exemplo, antes de ser um fato presente, é

estudado como possibilidade futura. Então, o importante é projetar e desenvolver uma capacitação futura de se vir a operar meios com sofisticação técnica que ultrapassem em muito o que é limitado pelo factual de hoje.

Já sem a preocupação de se recobrir com uma cientificidade, isto é, sem procurar construir modelos teóricos que sejam corroborados pelo factual, exigências do passado de que o homem moderno já se libertou, **o terceiro momento vai situar na técnica o local da verdade**, assumindo como óbvias as implicações daí decorrentes.

O terceiro momento vai ter como pano de fundo a cibernética, que se propõe ao estudo do planejamento e controle no homem e na máquina. Realimentação, informação, entropia, que até então eram temas reservados a especialistas, hoje tem uso massificado na administração empresarial, sendo traduzidos de forma bastante elástica. Em termos práticos, essa nova maneira de ver as coisas vai se manifestar pela ênfase crescente da informática, que também marca o momento atual da Escola Naval.

Então, aquilo de que é digno ocupar-se o espírito humano não é só o fato enquanto algo já feito, mas a própria factibilidade, a possibilidade de ser feito, até para poder ser repetido, verificado e comprovado como verdade independente do tempo e do espaço, isenta de qualquer subjetividade.

Assim, a verdade deixou de estar no *factum* e passou para o *faciendum*, para o "a-ser-feito". A história já não é mais portadora exclusiva da verdade porque só se refere ao passado, que não pode ser refeito, e a verdade só

pode ser referida a algo ainda a ser construído. A equação *verum est ens*, substituída depois pelo *verum quia factum*, é agora transformada em *verum quia faciendum*.

Quando aqui se realça a importância da virada do século, da entrada do novo milênio, está-se projetando o futuro, está-se assumindo que a verdade de hoje é função do a-ser-feito amanhã, cuja virtualidade, ou possibilidade futura, retroage sobre o presente de forma dominante como critério de verdade.

De acordo com esse padrão de pensamento, o aspirante já se vê projetado no

---

---

**A verdade do homem é  
aquilo que ele é capaz de  
fazer, aquilo que pode vir a  
ser feito através da técnica.  
A verdade é algo que  
retorna do futuro**

---

---

futuro como oficial, enquanto fato repetível e comprovável, de onde traz a matriz que molda seu comportamento, sua atitude, sua maneira de pensar.

## CONSIDERAÇÕES

É nesse terceiro momento que se situa hoje o modo de pensar da maioria das pessoas, ainda que não se dêem conta disso. Entretanto, os outros dois momentos, longe de serem categorias do passado, hoje também se fazem presentes. A resultante dessa composição de orientações é bastante complexa e exige uma análise pormenorizada.

Embora essa análise pudesse prosseguir, podemos parar por aqui, pois já temos elementos para desen-

volver a análise do que é o oficial de Marinha. Podemos nos perguntar pelo ente, pelo ser do oficial de Marinha, por aquele conceito abstrato que se perpetua pela tradição, do qual cada um de nós é uma simples concretização sem valor particular. Podemos buscar a verdade do oficial nos registros históricos do que foi feito nas grandes guerras, ou simplesmente daquilo que já é feito na vida diária de bordo. Finalmente, podemos nos perguntar pelo *faciendum* do oficial, do profissional a ser feito, em função da tarefa a ser feita, a ser definida em conformidade com o papel que o País pretende exercer no cenário mundial no próximo milênio.

Então, aqui podemos esboçar uma primeira tentativa de resposta à questão anteriormente colocada: como dirigir ao jovem uma mensagem que possa ser tomada como verdadeira?

Sem se compreender o posicionamento do aspirante diante da realidade, o critério que ele automaticamente adota para aceitar algo como verdade, não há possibilidade de se transmitir os valores essenciais que pontuam o perfil do oficial de Marinha.

## O VALOR DA CORPORAÇÃO

Nessa época, tão duramente castigada pelas dúvidas, ao contrário do que poderia parecer uma análise apressada, justamente aí cresce a importância de nossa instituição. Se lá fora, no continente, essas dúvidas podem até levar ao horror da dispersão, da impossibilidade de qualquer consistência, aqui, ao contrário, encontra-se

um corpo consistente, um corpo de idéias, de doutrinas, de tradições, de pessoas falando uma língua própria, que dão à Marinha, além da sua dimensão institucional, o caráter de corporação.

Essa corporação, é importante lembrar e reafirmar, só se constitui em torno do comandante, por cuja palavra se nutre e se revitaliza.

Isso significa que a direção que nos dá segurança, a terra firme que baliza nosso movimento, não consiste no conteúdo de um valor, mas no fato de que esse valor, qualquer que seja, provém de um comando que representa a corporação.

Hoje, mais do que nunca, o grande valor a ser preservado é a própria instituição, é a corporação, e, conseqüentemente, o método de trabalho, a forma de ver as coisas, a própria linguagem que sustenta a Marinha como um corpo coeso, sadio, cheio de vida, capaz não só de sobreviver

---

**Hoje, mais do que nunca, o grande valor a ser preservado é a própria instituição, é a corporação. Ser oficial de Marinha é uma opção que, se de início só comporta uma adesão, finalmente implica uma construção**

---

às ameaças do mundo exterior, mas também de crescer e reproduzir-se, perpetuando assim a espécie "Marinha", o que significa passar para as novas gerações um princípio de vida, um código genético.

Aqui, então, fica mais claro o significado das virtudes militares, que agora podem ser vistas sob nova ótica: a disciplina, a dedicação ao serviço, a lealdade aos superiores, o amor aos subalternos, o zelo pelo uniforme, adquirem valor enquanto signos representativos da corporação. Não se espera do oficial a obediência cega, mas a convicção pessoal de que a disciplina faz parte do patrimônio genético de que ele é portador, sendo responsável por preservá-lo e transmiti-lo às gerações seguintes. O caráter, aparentemente tão simples dessas virtudes, transforma-se num valor justamente porque ele se conserva invariante no espaço e no tempo, a despeito das transformações porque passa a sociedade, a cultura, a tecnologia, a profissão, a família.

## A OPÇÃO DO OFICIAL

Ser oficial de Marinha é uma opção.

Aos jovens que de todo o País aqui advêm é apresentado um quadro aparentemente rígido da Marinha, ao qual eles voluntariamente podem aderir. Entretanto, à medida em que o tempo passa, vê-se que esse quadro é bastante maleável, pois nada há, *a priori*, que possa definir o oficial de Marinha. Repetindo, ser oficial de Marinha é uma opção que, de início só comporta uma adesão, finalmente implica uma construção.

Seria ilusório acreditar-se na possibilidade de uma lei que determinasse o perfil do oficial de Marinha; trata-se, na verdade, de uma opção do comando. Não haveria espaço, aqui, para fazermos um retrospecto histórico das grandes opções feitas pela Marinha até os nossos dias, para nos darmos conta da opção que cabe a

essa geração, que cabe a cada um em particular. Vamos somente destacar a opção que nos diz respeito mais de perto, feita há muito tempo, e periodicamente renovada, que consistiu em decidir que o oficial de Marinha será um profissional de nível superior, que, além de outras habilidades, terá uma formação universitária.

Talvez o jovem aspirante ainda não possa se dar conta do valor desse tesouro que, gratuitamente, aqui lhe é oferecido, fruto de uma opção do comando, e que, somente como opção pessoal poderá ser recebido e reconhecido como tal. A formação universitária do aspirante é claramente uma escolha, pois não decorre de necessidade, tampouco de imposição legal. A prova disso é que há instituições similares que fazem opções diferentes, e a nossa própria escola somente na década de 60 passou a contar com um curso de quatro anos.

Somente realçando-se a formação do oficial de Marinha como uma opção é que o aspirante poderá compreender o que dele se espera. Se o oficial não é uma categoria *a priori* definida, se ele não é um dado do problema, então, só nos resta construí-lo, desbastando a pedra bruta, até que se delineie o seu perfil, para que, somente depois de esculpido, se possa dizer como o artista, que a figura, só então reconhecida, já estava lá desde sempre.

Construir o oficial, desde a decisão do comando até a opção pessoal do aspirante, é uma tarefa que envolve os riscos da incerteza, inerentes a qualquer escolha. Entretanto, o aspirante que não provar essa dimensão de risco envolvida na sua formação, o gosto amargo da dúvida, não poderá dizer, senão superficialmente, que optou por ser oficial de Marinha.

É no ato de fazer uma escolha que o ultrapassa, pois que se refere ao oficial que ele ainda não é, mas que já está lá para a corporação, que o aspirante ascende ao

oficialato, no próprio ato de aderir ao valor da corporação, em fazer uma opção que implica, como valor maior, a própria opção da corporação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse vasto quadro de diversidades de pensamento, se não conseguimos uniformidade, talvez até indesejável, pelo menos temos uma unidade. Essa unidade se refere à questão profissional.

O oficial de Marinha é antes de tudo um profissional; não é um amador ingênuo, tampouco um mercenário insensível. É oficial porque faz dos seus afazeres um ofí-

cio; é um profissional porque esse ofício, por sua vez, se sustenta numa profissão. Não a profissão enquanto sinônimo de ocupação rentável, mas, sobretudo, segundo o Aurélio, declaração pública de uma crença nos valores de sua corporação, declaração que torna-se solene na ocasião do juramento. Na etimologia das palavras, ao lado do oficial, surge também o professor, como aquele que professa, antes de tudo, uma crença na própria educação.

É a palavra do comandante, que ora lhes dirijo, que hoje renova essa profissão, que transforma o mais simples afazer num ofício; é a palavra do comandante que faz o oficial.

#### 📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<EDUCAÇÃO> / Formação do oficial de Marinha / ; Escola Naval;

Sinto-me feliz quando  
obtenho alguma coisa com  
esforço próprio.

*Luiz Felipe Magalhães*